

## A razão econômica do populismo contemporâneo

Vinicius Azevedo<sup>1</sup>  
Letícia dos Santos Chamma<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma contribuição ao entendimento do fenômeno do populismo contemporâneo ao investigar sua razão econômica, considerando as transformações produtivas no capitalismo, assim como as respectivas consequências na vida social, política e no trabalho. Por fim, apontamos que tal investigação se mostra oportuna para identificar e examinar a razão econômica neoliberal presente no discurso dos líderes populistas, bem como suas aspirações de classe.

**Palavras-chave:** Populismo contemporâneo; Neoliberalismo; Globalização; Política digital; Democracias capitalistas.

**Abstract:** The article contributes to understanding the phenomenon of contemporary populism by investigating its economic rationale, taking into account the productive transformations in capitalism, as well as the respective consequences for social, political and working life. Finally, we point out that such an investigation is opportune for identifying and examining the neoliberal economic rationale present in the discourse of populist leaders, as well as their class aspirations.

**Keywords:** Contemporary Populism; Neoliberalism; Globalization; Digital Politics; Capitalist Democracies.

Μεταβάλλον ἀναπαύεται.

[Transmutando-se, repousa]

(Heráclito, fragmento LXXXIV, 2017, p. 92-93).

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar pela UNESP – FCLAr, com bolsa CAPES-DS. Contato: [vinicius.azevedo@unesp.br](mailto:vinicius.azevedo@unesp.br).

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UNESP – FCLAr. Contato: [leticia.chamma@unesp.br](mailto:leticia.chamma@unesp.br).

## Introdução

O período inaugurado entre o final da década de 1960 e início da década de 1970 corresponde ao ponto de inflexão da história do capitalismo pós-guerra, fazendo com que as décadas finais do século XX fossem marcadas por profundas transformações na vida social e política, fruto de mudanças que encontram na reorganização da produção a sua respectiva gênese. O modo como a família se estrutura, a organização sindical, as disputas e discursos políticos, as relações de trabalho e de consumo alteram-se à medida que a hegemonia do pensamento neoliberal avança, redefinindo o que outrora foram posições tradicionais de autoridade e de reconhecimento na modernidade. Classe, trabalho, partido, sociedade e Estado-nação passam a atender interesses cada vez mais individuais em vias de acolher um novo padrão de consumo e demanda. Esse processo relaciona-se com a globalização econômica do capitalismo, que atua para vincular a liberdade à sua determinação individual e privada, agindo como métrica das relações cada vez mais breves e fluídas.

O fenômeno do populismo contemporâneo emerge na passagem do século XIX para o XXI, manifestando-se inicialmente na Itália, com Silvio Berlusconi como primeiro-ministro em 1994, mas difundindo-se rapidamente por toda a Europa. De maneira global, esse fenômeno se intensifica em meados da década de 2010, passando pelos Estados Unidos, com Donald Trump como presidente (2017-2021 e o segundo mandato a partir de 2025), pela Índia, com Narendra Modi como primeiro-ministro desde 2014, por Israel, com Benjamin Netanyahu como primeiro-ministro desde 2022, e chegando no Brasil, com Jair Bolsonaro como presidente (2019-2022). O fato é que o populismo contemporâneo expressa na política elementos centrais dessas profundas transformações que acontecem na vida social e no trabalho, servindo como canal de difusão da ideologia neoliberal. A sua propagação pelos diversos líderes populistas, com as suas especificidades nacionais, o populismo contemporâneo aparece em todos os casos não só no “sistema de padrões de comportamento” e no “sistema de relações sociais”, como também nas políticas econômicas desenvolvidas quando esses novos líderes assumem cargos de poder (Fernandes, 1995, p. 86).

Na esteira dessa nova marcha da história humana, este trabalho tem como intuito desvelar qual é a razão econômica do populismo contemporâneo, tendo em vista as

transformações produtivas que germinaram o modo de consumo em vigência, bem como das suas implicações na vida social. Apresenta quatro seções: na primeira, expomos o surgimento de um novo padrão produtivo que resulta em uma nova forma de consumidor; na segunda, buscamos mostrar como essa reestruturação produtiva é, na verdade, uma restauração capitalista que acirra as condições de exploração; na terceira seção, introduzimos o populismo contemporâneo enquanto um fenômeno global que expressa no âmbito da política essas profundas transformações para, na quarta seção, identificarmos o que há de específico neste novo fenômeno, isto é, qual a sua razão. A partir disso, é possível compreender o que diferencia o populismo contemporâneo de outras formas políticas e a maneira pela qual as modificações tecidas na política, na economia e na cultura revelam o caráter classista de uma democracia que é a burguesa.

## **Da fábrica ao mercado, e volta: a criação da nova forma de consumo e consumidor**

O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, marca não somente a reorganização dos Estados nacionais e a divisão do globo em zonas de influência. No ocidente, os trinta anos que se seguiram apresentaram um crescimento econômico jamais visto. A reconstrução das economias tinha como objetivo restaurar a devastação causada pelos anos de guerra tendo como base o retorno ao pleno emprego, alcançando como resultado prático o aumento da produção industrial e expansão demográfica. Nos “trinta gloriosos”, a organização da produção fordista conheceu o seu cume: a acumulação capitalista lançou mão da produção em massa de artigos padronizados visando as sociedades em transição do modo de vida rural ao urbano e industrial, investindo na produção de bens de consumo duráveis, como automóveis e frigoríficos.

A demanda era alta e contínua, e os mercados comerciais estavam sendo administrados por grandes empresas oligopolistas. No entanto, havia ainda longos prazos de espera para entrega do produto, tornando a venda de determinado artigo mais simples do que a própria produção. O interesse em manter os preços reduzidos e a concentração da concorrência faziam os compradores não terem muita escolha a não ser aceitar a espera. Streeck (2012, p. 24-25) afirma que “a escassez era um fato e o que as pessoas reivindicavam e podiam pagar eram produtos baratos e confiáveis, com

tecnologia robusta e madura oferecida a preços baixos, possibilitados por grandes economias de escala<sup>3</sup>”. Ainda para este autor, a morosidade na produção do fordismo pós-guerra não diferenciava muito do socialismo do leste europeu.

Na Alemanha, entre os anos de 1950 e 1960, a economia de racionamento (*Zuteilungswirtschaft*) e a economia de abastecimento (*Versorgungswirtschaft*) afetavam tanto o setor público quanto o privado, que por vezes precisavam de no mínimo seis meses para produzir um telefone ou um automóvel *Volkswagen*. Em vista disso, na tentativa de dinamizar o processo de produção automobilística, a primeira onda de motorização na Europa ocidental teve grande injeção de esforços dos Estados ou de empresas estatais, como o caso da *Volkswagen* na Alemanha, *Renault* na França, *British Leyland* na Grã-Bretanha e *Fiat* na Itália (Streck, 2012, p. 25).

No decorrer da década de 1960, setores da classe trabalhadora organizada indicam o esgotamento da disciplina fabril taylorista e reivindicam redução da jornada de trabalho, maiores salários e garantia de direitos. Já em 1971, os sinais eram cada vez mais claros que o fordismo chegava ao fim: os trabalhadores passaram a reclamar uma maior participação nos benefícios gestados por décadas de crescimento econômico ininterrupto e pleno emprego. A segunda crise do petróleo, em 1973, afetou diretamente o mundo ocidental, com o aumento do preço do barril e ausência de combustíveis nos postos; o choque de alta do petróleo implicou no racionamento de gasolina, problemas relacionados a matriz energética, além de impactos na inflação e deflação macroeconômica.

Não obstante, os mercados de bens de consumo duráveis produzidos em larga escala igualmente revelavam sinais de saturação: satisfazer os clientes se tornava mais difícil. No discurso público, os “limites de crescimento” se converte em tema principal. Os governos e as empresas, aflitos, procuram uma panaceia para remediar a iminente crise da economia política capitalista. A solução das fábricas se baseava na produção de bens de consumo menos standardizados, aumento da obsolescência dos produtos, possibilitando a remodelação fordista. Com isso, as grandes produções em série foram

<sup>3</sup> No original: “[...] la escasez era un hecho, y lo que la gente reivindicaba y se podía permitir eran productos que fueran a la vez baratos y fiables, con una tecnología robusta y madura ofrecida a bajo precio, posibilitada por grandes economías de escala”.

substituídas por uma gama de subprodutos diversificados para se aproximar cada vez mais às predileções singulares de grupos gradativamente menores de potenciais consumidores.

Essa possibilidade de customização na compra de produtos menos padronizados tornou-se atraente para o consumidor, que adquire em um menor prazo de espera os mais diversificados bens. Da mesma forma, o aumento do valor agregado serviu de ponto de recuperação da estagnação na década de 1970 enfrentada pelas economias capitalistas de tal modo que “quanto mais próximos os produtos chegavam das preferências específicas dos consumidores mais dispostos pareciam pagar preços mais altos, e trabalhar e se endividar para adquirir o poder de compra que lhes permita participar do novo paradigma de crescimento econômico”, afirma Streeck (2012, p. 27), dando arranque a “transição de mercados saturados para mercados afluentes<sup>4</sup>”.

A nova estratégia de mercado e consumo não esgotou a antiga, mas ao contrário, a tornou mais sofisticada: a produção em massa desenvolveu nichos de consumo cada vez mais específicos que a produção em larga escala atendia e fomentava a demanda. Em pouco tempo, os mercados ostentavam em suas prateleiras uma aparente diversidade de produtos e marcas que carregavam na sua essência o sucesso da estratégia oligopolista com traços fordistas. A identificação com a mercadoria passa a criar características próprias: se deve escolher entre infinitas possibilidades aquilo que mais se aproxima – ou define – o indivíduo particular, afastando-se gradualmente do que no passado fora o vínculo coletivo tradicional.

A socialização no mercado pós-fordista passa a acontecer mediante o consumo, e a compra torna-se um mecanismo de autoidentificação e autorrepresentação que reflete nos produtos as preferências pessoais, afastando o indivíduo de determinados grupamentos sociais enquanto o aproxima de outros – tal processo fica perceptível quando a identidade do cidadão-trabalhador é drasticamente debilitada em nome do indivíduo-consumidor. Assim, por meio dessa “política particular de consumo” [*política*

---

<sup>4</sup> No original: “cuanto más se acercaban los productos a las preferencias específicas de los consumidores, más dispuestos parecían estos a pagar precios más altos, y a trabajar y endeudarse para adquirir la capacidad de compra que les permitiera participar en el nuevo paradigma del crecimiento económico o, iniciándose así la transición de los mercados saturados a los opulentos”.

*particular del consumo*] (Streeck, 2012, p. 30), o indivíduo define seu lugar no mundo na esfera do mercado.

## “O céu dá seus decretos revogando”<sup>5</sup>

Na década de 1970, as empresas embutiram nas mercadorias a individualização dos potenciais consumidores. Os resultados práticos, para além da expansão comercial, simbolizaram o declínio dos modelos de orientação e pontos de referência para agir socialmente construídos na modernidade. É durante a década de 1980 que a família e as comunidades tradicionais ligeiramente foram perdendo a autoridade, abrindo uma lacuna fértil para a ação dos mercados, representado na alocação do consumo como identidade social móvel e com laços cada vez mais fracos, “permitindo que os indivíduos saltem de uma identidade para outra, livres de qualquer obrigação de o fazer”<sup>6</sup> (Streeck, 2012, p. 31). A diversificação dos mercados consegue promover, segundo Streeck (2012, p. 31) “algo a todos, enquanto a internacionalização aumenta a variedade de itens disponíveis”, acentuando o “contraste entre as comunidades locais do passado e as associações ilimitadas de consumidores temporários, que se unem por meio de uma compra”<sup>7</sup>.

A restauração capitalista na União Soviética, em 1991, consagra o triunfo final do ocidente capitalista sob o oriente de influência soviética. Os efeitos sociopolíticos e culturais alteram toda a geometria das formações sociais, agora em vias de atingir a totalidade econômica global com seus padrões de consumo e estilo de vida. O indivíduo é tido como um cidadão do mundo, livre de qualquer domínio das autoridades culturais

<sup>5</sup> Na entrada da Ilha do Purgatório, Dante e Virgílio encontram Catão Uticense, legista romano e guardião da ilha, que indaga a razão da jornada a fim de instruí-los. Em seguida, atônito, prossegue seu inquérito: “As leis do abismo acaso se hão quebrado? / O céu dá, seus decretos revogando, / Que dos maus seja o meu domínio entrado?” versos 46-48, em Alighieri (1955, p. 270). O sentido que empregamos a esses versos consiste em demonstrar como o processo de individualização na produção de mercadorias levou, mais tarde, às transformações na política, na vida social e no trabalho, e em todos, igualmente, significou perda de direitos.

<sup>6</sup> No original: “[...] permite a los individuos saltar de una identidad a otra, libres de cualquier obligación de explicarse”.

<sup>7</sup> No original: “[...] algo a cada uno, mientras que la internacionalización incrementa la variedad de artículos disponibles y agudiza el contraste entre las comunidades locales del pasado y las asociaciones sin límites de consumidores temporales, a las que uno se incorpora mediante una compra”.

e políticas, munido de um sem-número de possibilidades de estar no mundo, e visualiza o esvaziamento da comunidade nacional de destino. Nessa experiência global, cercado pelo individualismo agressivo e competitivo, as autoridades da modernidade, como a família, partido, classe e Estado passam por contínua derrocada: a liberdade com ausência de regras e ilimitada é igualmente fluida e móvel. É esse individualismo como ordenamento social que Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2022, p. 22-23) evidenciam:

Nós vivemos em uma era em que a ordem social do estado nacional, da classe, da etnia e da família tradicional está em declínio. A ética da auto-realização e empreendimento é a corrente mais poderosa na sociedade moderna. O processo de escolher, decidir, moldar o ser humano que aspira ser autor ou autora de sua própria vida, o criador de uma identidade individual, é o personagem central do nosso tempo<sup>8</sup>.

O fruto cultural é a emergência de uma sociedade de indivíduos atomizados, fragmentados e politicamente impotente. A vida apolítica reafirmada pelo juízo do fim da história e da ideologia dão vazão à crescente criação de novos partidos e movimentos políticos com menosprezo à memória histórica e política, interessados em apenas desenvolver um *marketing* voltado exclusivamente para fins eleitorais, sem qualquer construção de programas sólidos e de alcance nacional: a busca hegemônica pela “vida própria” leva a uma “subpolitização da sociedade, mas também a uma despolitização das políticas nacionais”<sup>9</sup>. Nas sociedades fragmentadas, como sustenta Streeck (2012, p. 39), os programas partidários foram substituídos por “listas de questões e promessas elaboradas de maneira oportunista, guiadas por urnas em vez de por membros do partido e apresentadas pouco antes das eleições para ser esquecido imediatamente após”<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> No original: “We live in an age in which the social order of the national state, class, ethnicity and the traditional family is in decline. The ethic of individual self-fulfillment and achievement is the most powerful current in modern society. The choosing, deciding, shaping human being who aspires to be the author of his or her own life, the creator of an individual identity, is the central character of our time”.

<sup>9</sup> No original: “sub-politicization of society, but also to a depoliticization of national politics”.

<sup>10</sup> No original: “[...] listas oportunistamente elaboradas de temas y promesas, guiadas por las encuestas más que por los miembros del partido y presentadas poco antes de las elecciones para ser olvidadas inmediatamente después”.

De forma turva, a política e as classes sociais paulatinamente distanciam-se das pessoas: a política não tem mais a centralidade na vida dos indivíduos e da sociedade, o ocidente decreta o “fim da luta de classes” e cresce o processo de de-ideologização nos partidos e sindicatos. A forma-partido abandona a função de educar e formar a consciência de classe e converte-se em comitê eleitoral, forjando a figura do líder. Streeck (2012, p. 38) identifica que “à medida que as decisões de mercado individuais prevalecem sobre as escolhas políticas coletivas, a própria política inevitavelmente se torna descontextualizada<sup>11</sup>”. A visão de mundo própria dos sindicatos e partidos, como organizar os grupos e classes em prol da luta política, torna-se subordinada às ordens do *marketing*.

A política igualmente sofre mutações, a personificação, mediação e simplificação reducionista tem como resultado o aumento do crédito em relação às forças econômicas capitalistas e a riqueza pessoal construída. Ao passo que o “novo modo de mercado penetra lateralmente na esfera pública por meio da generalização das expectativas cultivadas no consumismo da afluência pós-fordista”, aponta Streeck (2012, p. 37), “a capacidade dos Estados de impor a ordem pública em uma sociedade de mercado cada vez mais despolitizada se evapora<sup>12</sup>”. O Estado faz-se palco da competição em torno do governo e da administração da política norteada por interesses empresariais. Assim, a nova configuração do poder global indica não apenas um declínio do Estado, mas o seu reposicionamento em uma escala mais ampla do poder: trata-se de uma “nova ordem institucional privada, ligada à economia global” no cerne das instituições estatais nacionais (Sassen, 2010, p. 32).

No trabalho, a exaltação da potência da individualidade ganha terreno em formas de ocupação na qual o indivíduo tem a liberdade de criar sua própria carga horária baseado na organização pessoal. Novas modalidades de precarização do trabalho são criadas, o assim chamado “trabalho flexível” (*part-time* e *mini-job*, por exemplo) reúne

---

<sup>11</sup> No original: “A medida que las decisiones individuales de mercado triunfan sobre las opciones políticas colectivas, la propia política se descontextualiza inevitablemente”.

<sup>12</sup> No original: “el nuevo modo de mercado penetra lateralmente en la esfera pública mediante la generalización de expectativas cultivadas en el consumismo de la opulencia posfordista, se evapora la capacidad de los estados para imponer el orden público en una sociedad de mercado cada vez más despolitizada”.

em torno dessa categoria os valores da sociedade capitalista globalizada, permeada pela competitividade, o individualismo e a falsa autonomia. Em suma, as transformações no trabalho, de acordo com Gallino (2012, p. 154) buscam “tornar os movimentos do trabalho o mais semelhante possível aos movimentos de capital em circulação no mundo”<sup>13</sup>, ou seja, encaminham-se para a sua flexibilização que, por sua vez, contribui para a fragmentação não só da associação entre trabalhadores, como também da sua identidade e consciência de classe.

Os impactos imediatos como o empobrecimento, a situação de endividamento constante e perda do nível de vida, acompanhados da intensificação das desigualdades e adoção de políticas constitucionais de reformas sociais e econômicas formam um arranjo que de início fora equivocadamente analisado como “o início de uma nova era de autonomia e emancipação<sup>14</sup>”, conforme assevera Streeck (2012, p. 28). Mas o fato é que se cristaliza de modo cada vez mais agudo um período de insegurança social no qual o livre mercado e a responsabilidade individual defrontam-se com o “império do capital financeiro e do trabalho assalariado flexível” (Wacquant, 2009, p. 1).

## O surgimento do populismo contemporâneo

A mudança histórica que representa a vitória do capitalismo sobre o socialismo real faz com que, no século XXI, as tendências desse sistema se manifestem de forma cada vez mais nítida e sólida. Ao mesmo tempo, a velocidade das profundas transformações na ordem social, política e cultural aumenta. Isso significa que ao passo que a contradição capital-trabalho potencializa a sua condição de exploração, o sentido da “aceleração social”, característica da modernidade, vai se delineando a partir da técnica, da mudança social e do ritmo de vida (Rosa, 2013). Trata-se da aceleração dos meios de transporte, informação e comunicação, possibilitando não só o deslocamento de capitais e pessoas de maneira mais eficiente, como também uma nova forma de interação baseada na comunicação digital. A elaboração de novas tecnologias, contudo,

<sup>13</sup> No original: “rendere i movimenti del lavoro il più possibile somiglianti ai movimenti del capitale in circolazione nel mondo”.

<sup>14</sup> No original: “[...] el inicio de una nueva era de autonomía y emancipación”.

ultrapassa o campo da aceleração tecnológica atingindo a dimensão da vida social: são novas “estruturas associativas e padrões de relacionamento” (Rosa, 2013, p. 74), novos hábitos, mentalidades, expectativas e horizontes formados no interior de uma nova “experiência do tempo na vida cotidiana” (Rosa, 2013, p. 80).

A categoria do tempo importa, segundo Hartmut Rosa (2013), porque condiciona a forma de “ser-no-mundo” [*being-in-the-world*]. Nesse sentido, tempo, aceleração e política estão profundamente associados; no século XXI, o surgimento de uma nova forma digital de fazer política potencializa não só a sua mutabilidade, como também a sua imprevisibilidade: “na dimensão virtual ou digital da política, novos atores podem sair rapidamente à cena graças a sua capacidade de influência nas mídias sociais<sup>15</sup>” (Dal Lago, 2017, p. 11). As redes sociais digitais, dessa forma, permitem a relação direta entre líder e povo, o que no Estado nação só existia por meio da mediação dos meios de comunicação tradicionais, como os jornais, o rádio e a televisão.

A nova forma de miséria humana, produto das capacidades catastróficas de destruição e desumanização possibilitadas pelo desenvolvimento da técnica no período das guerras mundiais resultou em uma experiência histórica que nos tornou “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (Benjamin, 2012, p. 124) – o que só vem se acirrando. A atrofia da comunicação, bem como a destruição do uso político da língua, enfraqueceu a capacidade de apreender a realidade enquanto processo histórico, e assim a memória histórica é perdida, a realidade é vista como incompreensível e a política é reduzida à ação isolada e particular de indivíduos consumidores.

Não só: hoje, as mídias possuem um novo funcionamento. De acordo com Ercolani (2013), o poder no capitalismo globalizado dispõe de um novo “desenho coercitivo” [*disegno coercitivo*]: não mais o da pobreza, mas sim o da “opulência informativa” [*opulenza informativa*], na qual o excesso e a fragmentação das notícias e informações impede a visão do todo. A ideologia neoliberal, portanto, tem no mercado uma centralidade que consegue redefinir não apenas identidades, como a própria política. Isso significa que o modo de produção capitalista é naturalizado e legitimado

<sup>15</sup> No original: “Nella dimensione virtuale o digitale della politica, nuovi attori possono salire rapidamente alla ribalta grazie alla loro capacità di influenza nei social media”.

de maneira ideológica a partir da transformação de palavras, como liberdade, justiça e democracia, em *slogans* políticos com significados que alienam o ser humano de seu próprio gênero.

Paralelamente, o “paradigma classista” e a “problemática marxista” são substituídos pelo “paradigma étnico” e pelo “esquema de identidade e de políticas de reconhecimento que lhes são relacionadas” (Amselle, 2018, p. 137). Em outras palavras: ao passo que a condição do trabalho no mundo contemporâneo torna-se cada vez mais precária, a origem dessa precarização é desviada, ocultada, esquecida e, muitas vezes, até mesmo negada. A ascensão da extrema-direita no século XXI expressa uma insatisfação de parte considerável da população com a queda no nível de vida e com as transformações nos modos de vida, mas a difusão do neoliberalismo, dentre os seus muitos canais, tem no surgimento de um novo fenômeno político o qual é o populismo contemporâneo a base da construção social de uma nova figura de inimigo, não o capitalista, mas um conjunto de atores: os estrangeiros, militantes dos direitos humanos e defensores do pluralismo, a esquerda, os intelectuais, a elite corrupta, os preguiçosos, todos enquadrados na categoria do “não-povo” [*non-popolo*] (Tarchi, 2015) que os contrapõem aos verdadeiros e autênticos “cidadãos de bem”, que afirmam não só possuir interesses distintos, como também valores.

A era do capital móvel trouxe consigo uma nova relação com o imaginário. A globalização econômica desvinculou o imaginário entre passado e presente, e o substituiu pela objetividade estranhada fornecido pela criação de novos desejos e prazeres. O vazio deixado pelas necessidades compartilhadas foi preenchido pelo medo e insegurança de uma vida constantemente ameaçada pelo empobrecimento e endividamento causado pelo desemprego. Contraditoriamente, o processo da mundialização da forma mercadoria permitiu que nascesse no seio desse curso histórico o fenômeno reativo da tribalização, que consiste na defesa da centralidade dos vínculos sanguíneos, territoriais e de identidade étnica em detrimento das minorias étnicas vindas do exterior.

Os fluxos migratórios durante o século XX trouxeram para dentro dos Estados-nacionais a presença do estrangeiro, que ao longo das gerações cria raízes, forma família e adquire a condição de ser de direitos, tal qual aqueles com longa descendência

local. A ampliação de direitos humanos, sociais e econômicos ocorridos na segunda metade do século é não somente questionada na virada do século, mas alvo de estigmatização e gradual retirada de direitos. O *Outro*, reconhecido pela consciência de forma pejorativa, é apontado como causador da queda de nível e modo de vida. Imigrantes, estrangeiros e muçulmanos representam os grupos que devem ser evitados a fim de impedir a chamada “contaminação cultural” do ocidente.

Nas campanhas políticas, o discurso do tribalismo ecoa nos motes dos movimentos, partidos e políticos populistas de extrema-direita ao redor do mundo: na Finlândia, o principal partido político de extrema-direita chama-se “Verdadeiros Finlandeses” (*Perussuomalaiset*), enquanto na Itália, “Primeiro os italianos” (*Prima gli italiani*) é o lema da Lega Nord. No *Brexit*, referendo que deliberou saída do Reino Unido da União Europeia, “Acredite em Britânicos” (*Believe in Britain*) e “Queremos nosso país de volta” (*We want our country back*) foram os motes utilizados pelo Partido para a Independência do Reino Unido, encabeçado por Nigel Farage. Na França, “Queremos de volta a fronteira” (*Nous devons retrouver des frontières*) e “Escolha a França” (*Choisissez la France*) foram as palavras de ordem da campanha presidencial de 2017 do *Front Nacional* de Marine Le Pen.

As máximas populistas de cunho cultural podem ser visualizadas na campanha presidencial holandesa de Geert Wilders, do Partido da Liberdade, em ditos como “Nossa cultura, orgulho da liberdade. Nossa Holanda” e “Seremos novamente holandeses”. O Partido da Liberdade Austríaco, de Norbert Höfer, por sua vez, usou como lema da campanha presidencial de 2016 os dizeres “Defender o Ocidente, hoje como ontem” e “Viena não deve ser Istambul. Ele sabe o que o vienense pensa”. Nas Américas, é possível destacar tanto a campanha do republicano Donald Trump à Casa Branca, que teve como *slogan* “Tornar a América Grande Novamente” (*Make America Great Again*), quanto a temática “Primeiro a América” (*America First*) escolhida como discurso inaugural de Trump. No Brasil, a campanha que levou Jair Bolsonaro à presidência teve como jargão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, enquanto “Pátria amada Brasil” foi o bordão escolhido para seu governo.

A variedade de *slogans* e máximas populistas evidencia o aspecto recipiente do populismo contemporâneo, capaz de abranger uma multiplicidade de manifestações

políticas. Isso não significa que esse fenômeno seja indeterminado: ele circunscreve o século XXI, tendo como característica política central a comunicação digital e direta entre líder e povo, bem como, neste artigo, se restringe às manifestações da direita. Constitui-se, desse modo, como um movimento reativo às transformações na ordem social global, como o deslocamento e a centralização de capitais, a financeirização e a luta de classes que aparece no interior da própria classe capitalista (Brancaccio, 2022). Esse movimento abrange um conjunto de fatores, como o anti-elitismo, o anti-pluralismo, a alegação de representar moralmente o povo de maneira exclusiva e a tendência de ameaçar a democracia representativa vigente (Müller, 2016).

## A particularidade e a razão do populismo contemporâneo

De modo geral, o populismo contemporâneo se fundamenta em uma crença de que o povo possui qualidades e virtudes inatas, na qual a figura do líder aparece como capaz de articular e canalizar não só os interesses do povo, como também os seus ideais morais (Tarchi, 2015). Isso porque o populismo concebe

[...] o povo como uma totalidade orgânica artificialmente dividida por forças hostis que lhe confere naturais qualidades éticas, tais como o realismo, a capacidade de trabalho e a integridade, contraposta à ineficiência e à corrupção das oligarquias políticas, econômicas, sociais e culturais<sup>16</sup> (Tarchi, 2015, p. 77).

Trata-se de uma mistificação da ideia de povo que, apesar de orgânico e homogêneo, não é indiferenciado, uma vez que reconhece e defende a estruturação da sociedade em hierarquias rígidas e papéis sociais distintos. Essa mistificação aparece, contudo, como uma ordem natural impetuosamente ameaçada por todos os que não constituem o verdadeiro e autêntico povo: as elites transnacionais, os imigrantes – sobretudo refugiados –, os intelectuais e a esquerda. Assim, o populismo

<sup>16</sup> No original: “[...] il popolo come una totalità organica artificialmente divisa da forze ostili, gli attribuisce naturali qualità etiche, ne contrappone il realismo, la laboriosità e l’integrità all’ipocrisia, all’inefficienza e alla corruzione delle oligarchie politiche, economiche, sociali e culturali”.

contemporâneo alega não só a representação moral e exclusiva do povo, como também a capacidade de “limpar” a política da corrosão causada por esses agentes geradores de desarmonia, corrupção e decadência da comunidade (Tarchi, 2015).

Nesse sentido, é possível distinguir os dois aspectos das transformações na política atual. O primeiro diz respeito às transformações originadas na própria transformação da ordem social, bem como das consequências do desenvolvimento técnico, sobretudo dos meios de comunicação. E o segundo concerne às transformações que o fenômeno do populismo contemporâneo gera quando seus líderes ou representantes assumem cargos de poder, não sendo raro observar mudanças nas constituições ou, pelo menos, uma série de reformas trabalhistas, fiscais e previdenciárias.

Desse modo, a crítica à representação nos regimes democráticos repousa em uma reivindicação moral de que o líder, e somente este, pode falar em nome do povo verdadeiro e autêntico. Isso significa que “para um ator político ou movimento ser populista, ele deve reivindicar que uma *parte* do povo é o povo<sup>17</sup>” (Müller, 2016, p. 22, ênfase no original), ao mesmo tempo em que se afirma enquanto a pessoa adequada para representar os seus anseios. Da mesma forma que a representação em si não é o problema, mas sim a representação por agentes contrários aos valores desse povo, a existência das elites também não está em questão: “o que importa é a sua promessa de que como uma elite apropriada, eles não vão trair a confiança do povo<sup>18</sup>” (Müller, 2016, p. 30).

O fenômeno do populismo contemporâneo, portanto, não tem como objetivo o colapso da democracia. Na verdade, ele se desenvolve no interior da democracia burguesa, tendo como o centro da sua crítica a inautenticidade dos atuais representantes. É nesse sentido que ele se distingue do fascismo: o aniquilamento da classe trabalhadora é implantado pelas vias democráticas, ainda que em reação ao que foi o período da democracia moderna. Isso significa que o populismo transforma a democracia contemporânea pelas vias democráticas mesmo que, na sua essência, seja

<sup>17</sup> “For a political actor or movement to be populist, it must claim that a *part* of the people *is* the people”.

<sup>18</sup> “[...] what matters is their promise that as a proper elite, they will not betray the people’s trust”.

profundamente antidemocrático: as reformas e mudanças constitucionais não visam alargar direitos coletivos, de garantias e proteções sociais, muito menos visam a emancipação do “ser genérico” que é o ser humano (Marx, 2004).

Assim, é imprescindível considerar a divisão que se constitui entre trabalho e capital, bem como a “relação do *trabalhador* com a produção” (Marx, 2004, p. 82) para compreender a razão econômica do populismo contemporâneo. Partir da reorganização da produção do modelo fordista pós-guerra, de um novo padrão de consumo e consumidor, e da precarização derivada do trabalho flexível possibilita distinguir no fenômeno do populismo contemporâneo dois interesses distintos. O primeiro diz respeito a uma reação da pequena burguesia que surge pelos impactos que o “projeto político da globalização” (Gallino, 2012) produz dentro da classe capitalista, gerando um conflito no seu interior com tendências contrapostas de globalização e de soberania (Brancaccio, 2020). Na medida que o deslocamento dos capitais e a escalada das oligarquias transnacionais enfraquece a pequena burguesia, esta se volta contra o proletariado como forma de retomada de domínio e poder que foi perdido com o processo de centralização do capital.

Por isso, o segundo interesse se refere às insatisfações originadas na condição de precariedade do trabalho e da vida e à constituição do populismo contemporâneo como um movimento de massas que contém em si parcelas do proletariado. O populismo contemporâneo não se volta contra o modo de produção capitalista, nem contra a democracia burguesa: o que aparece nos discursos e campanhas como possibilidade de mudança é, na verdade, a regressão para formas cada vez mais extremas de exploração do trabalho; o que aparece sob a fórmula da flexibilidade é, de fato, o processo de precarização das condições materiais de existência da classe trabalhadora. O caráter da democracia defendida pelo populismo contemporâneo enquanto um movimento reativo da pequena burguesia expressa um desvelamento do caráter burguês e não emancipatório da democracia contemporânea; não o seu colapso, mas a sua progressão por meio de dinâmicas cada vez mais restritivas e excludentes.

## Considerações finais

A investigação do fenômeno do populismo contemporâneo implica identificar não só a sua particularidade, como também a sua razão. Os elementos que caracterizam o fenômeno devem ser compreendidos na multiplicidade de suas manifestações e nas suas particularidades nacionais, mas também na tendência de ascensão global da extrema-direita no século XXI, que se constitui enquanto um canal de difusão do neoliberalismo e das suas políticas econômicas. Analisar o populismo contemporâneo tendo em vista a sua gênese histórica possibilita captar que, de fato, o populismo contemporâneo produz profundas transformações na democracia moderna e na própria política como um todo. Não pode, contudo, ser tomado como causa do ordenamento social contemporâneo: é a sua manifestação, e o seu fundamento é a razão econômica capitalista.

O deslocamento dos capitais e a flexibilização do trabalho possibilitaram uma concentração ainda maior de capital nas grandes empresas oligopolistas, de forma que o populismo contemporâneo representa a parcela da classe capitalista que não foi beneficiada pela globalização. Por isso a pequena burguesia volta-se contra o proletariado, difundindo as políticas econômicas de privatização, de mudança do papel do Estado como viabilizador dessas políticas, de esvaziamento dos partidos e sindicatos, bem como propagando a ideologia neoliberal na qual a liberdade aparece como essencialmente privada e individual. O populismo contemporâneo é um movimento reativo de retomada do poder político-econômico que tem a sua resolução no interior do modo de produção capitalista.

Desse modo, investigar sua razão econômica viabiliza distinguir nas campanhas políticas elementos no discurso de líderes dos mais diversos países que envolvem a nação, a religião e a família, vinculados por uma noção restritiva de povo e de democracia. As transformações geradas na política pelo desenvolvimento tecnológico e informático, pelo surgimento de novos meios digitais de informação e comunicação, como as redes sociais, e pelo desenvolvimento de um novo padrão de consumo, fundamentam as modificações que o populismo gera na democracia como um movimento que ocupa cada vez mais cargos de poder na política e na economia.

## Referências bibliográficas

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia** [recurso eletrônico]: São Paulo: Atena, 1955
- AMSELLE, Jean-Loup. L'ethnisation de la Politique. **Editions Lignes**, n. 55, 2018/1, pp. 137-148.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization**: institutionalized individualism and its social and political consequences. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2002.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRANCACCIO, Emiliano. **Non sarà un pranzo di gala**: crisi, catastrofe, rivoluzione. Milano: Meltemi Editore, 2020.
- BRANCACCIO, Emiliano. **Democrazia sotto assedio**: la politica economica del nuovo capitalismo oligarchico. Milano: Mondadori Libri S.p.A., 2022.
- DAL LAGO, Alessandro. **Populismo digitale**: la crisi, la rete e la nuova destra. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.
- ERCOLANI, Paolo. La metamorfosi del signor (P)otere. **Sinistrainrete**. Itália, 19 nov. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3fXnNRZ>. Acesso em 6 jan. 2026.
- FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo**: últimos escritos & outros ensaios. São Paulo: Xamã, 1995.
- GALLINO, Luciano. **La lotta di classe dopo la lotta di classe**. Entrevista [a BORGNA, Paola]. Roma-Bari: Editori Laterza, 2012.
- HERÁCLITO. Fragmentos de Heráclito. In: ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- ROSA, Hartmut. **Social acceleration**: a new theory of modernity. New York: Columbia University Press, 2013.
- SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- STREECK, Wolfgang. Los ciudadanos como clientes: consideraciones sobre la nueva política de consumo. **New Left Review**, Madrid, set./out. 2012, n. 76, pp. 23-41. Disponível em: <https://bit.ly/3aQzzsh>. Acesso em 6 jan. 2026.
- TARCHI, Marco. **Italia populista**: dal qualunquismo a Beppe Grillo. Bologna: Il Mulino, 2015.
- WACQUANT, Loïc. **Punishing the Poor**: the neoliberal government of social insecurity. Durham: Duke University Press, 2009.